

**UNEMAT Editora**

**Editor:** Maria do Socorro de Sousa Araújo

**Capa Final:** Ricelli Justino dos Reis

**Diagramação:** Ricelli Justino dos Reis

Editora UNEMAT 2015

*online*

**Conselho Editorial:**

Maria do Socorro de Sousa Araújo (Presidente)

Ariel Lopes Torres

Luiz Carlos Chieriegatto

Mayra Aparecida Cortes

Neuza Benedita da Silva Zattar

Sandra Mara Alves Silva Neves

Severino de Paiva Sobrinho

Tales Nereu Bogoni

Roberto Vasconcelos Pinheiro

Fernanda A. Domingos Pinheiro

Roberto Tikao Tsukamoto Júnior

Gustavo Laet Rodrigues

**Revista História e Diversidade/Expediente:**

**Coordenadores /Organizadores:** Osvaldo Mariotto Cerezer

Marli Auxiliadora de Almeida

História e Diversidade [recurso eletrônico] / Revista do Departamento de História. Cáceres: UNEMAT Editora. Vol. 6, nº. 1, (2015), 232 p.

Modo de acesso:<<http://periodicos.unemat.br/index.php/historiae-diversidade>>Semestral.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader (ou similar).

ISSN: 2237-6569

1. História. 2. Diversidade Cultural.

CDU 94+304.4 (05)

Editora UNEMAT  
Avenida Tancredo Neves nº 1095 - Cavalhada  
Fone/fax: (0xx65) 3221-0077  
Cáceres-MT – 78200-000 - Brasil  
E-mail: editora@unemat.br

# Revista



Resenha

RAGO, Luzia Margareth. **A aventura de contar-se: feminismos, escrita de si e invenções da subjetividade.** Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013.

**QUANDO A HISTÓRIA FAZ VERTER LÁGRIMAS E  
ARRANCAR SORRISOS: MARGARETH RAGO E A  
DOÇURA VIOLENTA DO SER MULHER**

**Silvano Fidelis de Lira**  
Graduado em História - Universidade Estadual da Paraíba  
Mestrando em História - Universidade Federal da Paraíba  
silvanohistoria@gmail.com

É prática comum entre os historiadores buscar um pouco da trajetória do autor do livro, traçar um mapa de suas influências teóricas e metodológicas. Temos a necessidade de cartografar o autor, de localizá-lo em um determinado lugar (uma instituição) e um determinado grupo (os teóricos aos quais tem maior relação). No caso de Margareth Rago e eu não foi diferente. Meu encontro com a autora se deu no início de dezembro de 2014 quando participava de um evento na cidade Natal, Rio Grande do Norte, quando tive a surpresa de tê-la como coordenadora da sessão de trabalhos, a princípio foi um choque, porque não havia pensado de encontrar uma autora que eu só conhecia através de sua escrita, e mais ainda, falar de mulheres e trabalho para uma pesquisadora que havia dedicados anos de pesquisa a entender o feminismo e o mundo do trabalho das fábricas em São Paulo, na última década do século XIX e início do século XX<sup>1</sup>, de impressionante diálogo e de sorriso fácil Margareth Rago ouviu atentamente a história que eu pretendia contar, tecendo importantes comentários sobre o mesmo, contribuindo de maneira significativa com seu desenvolvimento. Na mesma ocasião, Margareth Rago me presenteou com a nova edição de “*Do cabaré ao lar...*” e me indicou um de seus mais recentes livros; “*A aventura de contar-se...*”, o qual procurei ler imediatamente, um livro que me modificou profundamente...

Quem conhece a produção bibliográfica de Margareth Rago não terá grandes surpresas ao ler “*A aventura de contar-se...*”, semelhante a outros textos seus o leitor encontrará uma escrita agradável e prazerosa, que tem a incrível capacidade de esconder e ao mesmo tempo revelar uma intensa discussão teórica. Não é um texto pesado, no qual a teoria e o objeto de dispõem de forma separada, ao contrário eles estão intimamente ligados, um aparece ao lado do outro.

O livro de Margareth Rago tem uma mágica capacidade de promover encontros, de possibilitar o diálogo do leitor com as mulheres que lhe dão forma, ou mesmo com os autores que balizam a produção historiográfica dela. Em cada momento da leitura pode-se

1 RAGO, Luzia Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da sociedade disciplinar: Brasil 1890-1930*. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

encontrar com a potência criativa de Deleuze, com a ironia e o sorriso de Foucault ou com a gargalhada de Nietzsche. O livro em si, a forma com que é escrito, o diálogo com as fontes e com o aparato teórico com a autora lida, já em uma importante lição para os historiadores. É um exercício agradável e um aprendizado do fazer/escrever história. Contudo, apresenta uma série de inovações, tanto no que diz respeito à maneira como e escrito, como a discussão que apresenta. Se em obras anteriores como “*Do cabaré ao lar*” ou “*Os prazeres da noite*”, a autora apresenta uma série de estudos sobre a disciplina fabril e a prostituição nos últimos anos do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, em “*A aventura de contar-se...*” ela se preocupa em analisar o processo de construção de subjetividades individuais através da escrita e da narrativa, seu olhar volta-se para as trajetórias individuais, para os aspectos sensíveis da vida humana.

É um livro sobre mulheres. Uma história feminina. E isso lhe concede toda beleza, uma doçura que ao mesmo tempo é violenta, violenta porque desafia os limites do Estado, da sociedade, dos discursos normativos, que buscam controlar os espaços, os sujeitos e o próprio corpo feminino. Margareth Rago escreve uma história a partir de uma palavra chave; “*contar-se*”. A partir disso ela analisa escritos e os entrelaça com as narrativas orais de sete mulheres (Amelinha, Criméia, Gabriela, Ivone, Maria, Norma e Tânia) que no fim dos anos 1960 e início dos 1970, forjaram “*novos modos de existir, ocupando espaços públicos, desenvolvendo novas formas de sociabilidade, reivindicando direitos e transformando a vida social, política e cultural*” (p. 24). É, portanto, desembaraçando os fios narrativos dessas mulheres que Margareth Rago constrói seu texto baseando-se na concepção foucaultiana de *escrita si*<sup>2</sup>, dessa forma nos leva a entender os escritos dessas mulheres, bem como suas narrativas orais, como um espaço onde se constituem as artes de viver, os modos de subjetivação.

É possível perceber que no decorrer de todo o livro a presença constante da presença de Michel Foucault, um pensador bastante próximo da autora<sup>3</sup>, sobretudo no que se refere a sua última fase, a da ética, em que Foucault se preocupa com a subjetividade, e com a constituição do sujeito. A partir dele e de suas análises acerca da arte de viver e da escrita si, ela explora o íntimo de cada uma dessas vidas, percebe através das suas narrativas os pequenos espaços de invenção e de criação de si. Acredito que a preocupação de Margareth Rago ao estudar essas mulheres não é de perceber como elas participaram de uma grande revolução, como perceberam as transformações sociais e culturais em que estiveram inseridas e foram participantes diretas, mas de entender como fizeram de suas vidas pequenas revoluções, que iniciavam antes de tudo a partir de si, da própria concepção de mulher e de sujeito que tinham e dessa forma inventaram suas subjetividades e sua ética.

As narrativas dessas mulheres analisadas por Margareth Rago embora guardem suas especificidades, possuem um ponto em comum, algo que lhes torna semelhantes e

2 FOUCAULT, Michel. A escrita de si. I; \_\_\_\_\_. **Ditos e escritos, volume V**: ética, sexualidade, política. Org. Manoel Barros da Motta, trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004, p. 141-157.

3 Margareth Rago é uma das principais responsáveis por apresentar Michel Foucault ao público brasileiro, a meu ver dois textos são essenciais para compreendermos o pensamento de Foucault e a “revolução na historiografia brasileira”. Ver. RAGO, Margareth. As marcas da pantera: Foucault para historiadores. **Resgate**, n.05, 22-32, 1993; \_\_\_\_\_. O efeito Foucault na historiografia brasileira. **Tempo Social**, v7, n.1-2, 67-82, São Paulo: USP, out.1995.

que compõe um fio entre elas. São narrativas de mulheres que “evidenciam a luta contra a normatividade” (p, 55) e “recusam ser governadas” (p, 54). São narrativas de mulheres desviantes, que ousaram, no sentido literal e forte da palavra, desafiar os dispositivos do Estado autoritário ou pelas regras e convenções de uma sociedade atravessada e violada pelo machismo. São narrativas feministas que mostram que ser mulher guarda toda a doçura, toda a ternura, a ternura de ser esposa, de ser mãe, mas que também guardam a violência da palavra, a violência do escrever-se, do conta-se e dessa forma se constituir como sujeito, através das novas possibilidades de existir.

Quanto à sua estrutura o livro está dividido em quatro partes. Uma introdução, em que a autora conta o percurso que lhe levou à pesquisa e a forma como a conduziu. Nela podemos perceber uma mulher agradável que fala não só com as palavras, mas que fala com os belos olhos e com agradável sorriso, no texto introdutório a autora faz uma discussão conceitual de extrema importância para os dias atuais, dedica algumas páginas para nos falar o que são os feminismos (no plural), esclarecendo uma série de equívocos que surgem quando entre muitas pessoas na sociedade atual. Teoricamente ela identifica quais os autores com quem dialoga e os principais conceitos, Margareth Rago identifica as *marcas da pantera* que rasgam seu texto, e nos dá uma bela aula sobre Foucault e suas provocações a respeito da subjetividade.

Nos três capítulos seguintes (Experimentações; Cartografias; “Um lugar no mapa”) a autora segue analisando como, por meio de seus escritos e suas narrativas orais essas mulheres fazem de suas vidas uma obra de arte, uma invenção subjetiva em contextos quase sempre adversos, até mesmo cruéis com as mulheres. E falando em crueldade, Margareth Rago começa sua arte de contar vidas com a trajetória de Maria Amélia, a Amelinha Teles, mulher, militante e presa política durante o regime militar brasileiro.

As narrativas de Amelinha fazem com que o leitor se inquiete, sinta arrepios e derrame lágrimas, que brotam das palavras, como as que escreveu no pilar da cela em que esteve presa: “À DITADURA O DESPREZO – AO POVO GRATIDÃO – À FAMILIA SAUDADE – DE TODO CORAÇÃO”. Amelinha narra as diversas formas de violência a que foi submetida, os interrogatórios, e os estragos que a ditadura causou em sua vida, sobretudo, afetiva. Destaca em alguns pontos que a tortura a que as presas era submetidas não eram apenas físicas, mas eram psicológicas, feridas que trazem até hoje em suas almas. Mesmo tendo vivido tudo isso Amelinha não se calou, é uma ativa militante, não se nega a falar de suas experiências traumáticas, talvez num desejo de que tudo aquilo não se repita, que a democracia e os direitos humanos sejam uma realidade cada vez mais concreta no Brasil.<sup>4</sup>

A partir de narrativas como essa, a autora vai traçando as cartografias do feminismo, das experiências de mulheres que inventaram novas formas de existir, que foram afetadas por outros sentidos do ser mulher, no meio social, cultural e até mesmo religioso, como de caso de Ivone, companheira de Dom Hélder Câmara e participante ativa da construção e implantação da Teologia da Libertação, que em determinado momento de

4 Recordo do 1º Encontro Internacional de Estudos Foucaultianos: governabilidade e segurança, ocorrido em Maio de 2014 na cidade de João Pessoa/PB, em que Amelinha Teles fez uma brilhante fala a respeito da atuação da Comissão Nacional da Verdade, falando da resistência à Ditadura Militar a partir de um olhar feminista, na ocasião ela falou de sua própria militância, emocionando várias pessoas que ali se encontravam, eu inclusive.

sua existência percebe que era preciso ousar mais, que era preciso falar para as mulheres, utilizando não uma linguagem política ou filosófica, mas uma linguagem capaz de se assemelhar ao cotidiano daquelas mulheres pobres, geralmente esposas de operários. Ivone revolucionaria não apenas uma forma de ser mulher, ela revolucionaria a si mesma.

Afinal, o que é ser revolucionário? O que é um sujeito revolucionário? Quais são as revoluções possíveis? Nas letras desse livro acredito que existe uma mensagem escondida, é preciso revolucionar-se, criar novas formas de existência, assim como pensou Michel Foucault estudando os gregos e sua ética. A revolução passa antes de tudo pelo eu, pela construção de uma nova maneira de existir.

Não creio que seja a função de uma resenha apresentar a obra por inteiro. Não se pode esgotar o livro. Não acredito que seja preciso mapear toda a obra, a resenha tem como objetivo apresentar ao leitor uma obra, e apresentando-lhe é preciso que ela convide o sujeito a ler o livro. Da mesma forma com que li “*A aventura de contar-se...*”, e me senti fortemente impactado com a escrita e com a trama que a autora monta, acredito que vários outros leitores sentirão o mesmo. Ler “*A aventura de contar-se...*” é encontrar com uma escrita feminina, suave, doce, violenta e apaixonante. Espero que o leitor possa também ser rasgado com as marcas da pantera, não as de Michel Foucault, mas as marcas de Luzia Margareth Rago, que nos apresenta um livro, acima de tudo necessário. A História ainda precisa encontrar sua face feminina...